

## MENINOS COM ASAS: UMA ANÁLISE SOBRE AS AÇÕES ESTUDANTIS QUE PARALISARAM SALVADOR EM 2003

Simoa Carvalho Borba Lins \*

**RESUMO:** *O estudo analisa as ações dos estudantes pela redução da tarifa de ônibus coletivo de Salvador em 2003. Ele procura compreender o significado dessa “revolta”, observando principalmente o papel das entidades estudantis desse movimento e a natureza do seu conteúdo, se houve um caráter espontâneo, conforme foi notificado reincidentemente na mídia ou se as organizações representativas tiveram um papel forte no mesmo. A investigação deu-se através de entrevistas semi-estruturadas com os diretores dos grêmios dos colégios públicos e particulares e entrevistas em profundidade com representantes de entidades que tiveram uma participação intensa no movimento. Percebemos uma tendência desses estudantes para ações voltadas para o espontaneísmo e a descentralidade, pois eles direcionam suas ações para relações menos hierarquizadas e de natureza mais integrativa. Essas características fazem parte da teoria dos Novos movimentos sociais e confirma a tese, em circulação, da crise dos canais convencionais de representação, exemplificados aqui pelas entidades estudantis e partidos políticos que fizeram parte das mobilizações. Um outro aspecto analisado foi a solidariedade do setor médio secundarista estudantil, que criou novos códigos culturais e a capacidade de partilhar de uma mesma unidade social na “revolta”.*

**Palavras-chave:** Movimento estudantil; Ação direta; Representação política.

### INTRODUÇÃO

A partir da década de 40, o movimento estudantil começa a dar os seus primeiros passos como protagonistas de um movimento social. Em 68, ele chega ao seu clímax com suas ações ganhando maior visibilidade e tornando-se alvo de inúmeros estudos. Em agosto e setembro de 2003, o movimento estudantil, mais uma vez chamou atenção para si, ao paralisar Salvador durante quase um mês. O estopim das manifestações foi o aumento da passagem de ônibus coletivo da cidade. As ações dos estudantes se diversificaram entre paralisações de vias urbanas, criando gigantescos engarrafamentos, passeatas pelas ruas da cidade e negociações com a SMTU e o próprio prefeito da cidade.

Nossa intenção nesse estudo é analisar esse movimento, tendo em vista as singularidades de suas ações, que seriam a negação desse movimento a uma política mais formal, ou seja, a rejeição à entrada de partidos políticos e os representantes estudantis, como também o significado da solidariedade construída sob uma perspectiva mais cultural. O professor de antropologia da UFBA, Roberto Albergaria, define estes aspectos como uma lógica descentralizada, arteiramente desorganizada, de guerrilha urbana “light”. Para ele

(...) não é somente a forma pública das manifestações que é inovadora. Ao que parece, sua estrutura organizacional, meio caótica e espontaneísta, meio alegremente anárquica mesmo, é também diferente. Assim embora muitas lideranças político-partidário estejam envolvidas no movimento (mil facções do PT, PC do B, PSTU, PCO etc.), parece que as manifestações vão multiplicando-

---

\* Bacharel em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia. E-mail: [simoaborba@yahoo.com.br](mailto:simoaborba@yahoo.com.br). Orientadora: Maria Victória Espiñeira González.

se por contágio social, Escola por escola, em nível molecular: as “bases” agindo sem direção política muito clara, sem ter muito controle político-formal pro parte das lideranças às burocracias partidárias costumeira. (A TARDE 3/9/2003).

É nessa direção que a professora de ciência política da UFBA, Maria Victória, na sua pesquisa do qual resultou no artigo sobre o nível de participação dos universitários de Salvador, dentro do movimento estudantil (Espíneira, 2001), já identifica uma tendência desses estudantes em favor de uma relação menos hierarquizada e de natureza mais integrativa, “*Apesar dos jovens aceitarem a idéia de delegação de poderes através do voto é evidente sua preocupação por gestões mais horizontalizadas.*” (ibid, p. 101).

Sob essa ótica, tentamos analisar o comportamento das entidades dentro do movimento. Veremos, portanto, a forma com que esses princípios articulatórios externos<sup>1</sup> se organizaram durante as manifestações, para poder compreender o “porquê” de as manifestações dos ônibus se tornarem tão singulares no que se refere ao estudo dos movimentos sociais, fazendo sempre essa análise sob a luz dos NMS (novos movimentos sociais) por ser a teoria que mais se enquadra nesse contexto (posteriormente explicaremos isso). Assim, os partidos e as entidades estudantis que, até então, sempre desempenharam o papel de interlocutor por excelência dos movimentos sociais, hoje caminham para uma outra vertente a ser analisada, dentro das categorias que correspondem ao estudo social libertário, cultura política, ideologia assim como a análise do atual momento político que o país vive, o período “pós-Lula”, pode corresponder a essa crise das categorias tradicionais de representação que vimos dentro da “Revolta do Buzu”<sup>2</sup>. Ver como esses elementos se articulam dentro dessas redes interligadas foi o alvo do nosso estudo.

É importante destacar o alto grau de visibilidade que este movimento obteve, dando de imediato uma “*valorização e o descobrimento do movimento estudantil pela sociedade, pela opinião pública e pelos próprios estudantes*” (CARVALHO, 2003, p. 38). A prova disso foi o destaque que o movimento teve na imprensa baiana, com o papel fundamental na mobilização da opinião pública, como se pode comprovar no resultado de uma pesquisa feita pelo jornal A TARDE, onde 90,9% da população considerou justas as reivindicações dos estudantes pela redução da tarifa dos ônibus, o que comprova o apoio desta ao movimento (A TARDE, 03/09/2003).

Um outro aspecto que se destaca, e acreditamos que seja de extrema importância para a ciência política é o apontar para uma nova face do movimento estudantil, como uma nova forma de organização e mobilização. O número elevado de estudantes secundaristas e de escolas públicas mostra o momento de mudança que o movimento estudantil vem passando, tendo em vista que, tradicionalmente, eram os universitários a guiarem os movimentos desse tipo. Essa característica pode ser observada nesse trecho retirado do artigo de CEAS (Centro de Estudos e Ação Social) do professor do Departamento de Ciência Política, Joviniano Neto, sobre essa manifestação:

Apareceu uma nova face do movimento estudantil: descentralizado, com a emersão e a participação de muita gente que não participava antes, e bem mais jovem (entre 10 e 14 anos), muitas das quais sem experiência nem ligação anterior com entidades maiores (UNE, UBES, etc.). (CARVALHO, 2003 p.40).

Enfim a Revolta do Buzu traz um esquema de análise e de características “vanguardistas” que torna importante sua compreensão para as ciências sociais, assim como para a nossa

<sup>1</sup> Cf. GOHN, Maria da Glória. Em teoria dos movimentos sociais; cap. Paradigmas dos novos movimento sociais.

<sup>2</sup> Nome pelo qual ficou conhecido popularmente o movimento dos ônibus de 2003.

sociedade, por talvez trazer uma idéia do que o movimento estudantil se tornou com as mudanças vindas com a pós-modernidade. Dessa forma, os movimentos sociais contemporâneos se caracterizam por eliminar o sujeito histórico redutor da humanidade e a política deixa de ter um nível numa escala em que há hierarquias e passa a ser uma dimensão da vida social, abarcando todas as práticas sociais e culturais. Segundo Maria da Glória Gohn, no seu estudo sobre a teoria dos movimentos sociais, no capítulo em que se refere o paradigma dos novos movimentos sociais, ao caracterizá-lo ela argumenta que, “(...) o novo sujeito que surge é um coletivo difuso, não-hierarquizado, em luta contra as discriminações de acesso aos bens da modernidade.” (1997, p. 122). O que vimos na RB é que ele teve um caráter de recusa à política de cooperação entre órgãos representativos e os partidos políticos, eliminando a centralidade de um sujeito específico, predeterminado e passa a ver os participantes das ações coletivas como atores sociais. A resistência dos estudantes à entrada dos órgãos representativos estudantis e conseqüentemente, resistência aos partidos políticos, já que essas entidades são apoiadas por eles, vem provar a emersão de um novo tipo de movimento estudantil. E é por todos esses aspectos singulares que a “Revolta do Buzu” (RB) se tornou o objeto empírico dessa pesquisa.

A pesquisa teve como localização geográfica a cidade de Salvador, um centro urbano e está inserida, portanto, dentro das teorias sobre movimentos sociais urbanos que, segundo Gohn, tem “(...) a possibilidade de contesta, diretamente, não só o poder econômico da classe dominante, mas também o modo de reprodução do conjunto da formação social, tanto econômica como social.” (1997, p.201).

Uma das fontes utilizadas nessa pesquisa, como instrumento de coleta de dados, foi a imprensa escrita do referido período, principalmente o jornal A Tarde. Nele se fez uma análise de investigação de onde se pôde retirar, além dos fatos mais marcantes das mobilizações, depoimentos de acadêmicos e entrevistas feitas na época com os principais atores envolvidos (prefeito, representantes estudantis, população etc.). Pudemos contar também nesse sentido de retratação dos fatos com o artigo publicado no caderno do CEAS do professor de Ciência Política, Joviniano Neto, onde ele faz uma reconstituição dos acontecimentos, a partir do modo como eles foram construídos nos jornais diários de Salvador.

Outras fontes utilizadas, além dos jornais e entrevistas, foram: (a) um vídeo, caracterizado como mídia independente, de Carlos Pronzato que foi realizado durante as mobilizações, (b) boletins e panfletos da época e (c) debates referentes ao tema que contaram com a participação da autora; entre eles, um organizado pela CESE e outro, pela faculdade de comunicação da UFBA.

As técnicas utilizadas nessa pesquisa foram tanto de ordem quantitativa, como qualitativa. Foi aplicado um questionário a uma amostra representativa da população estudantil secundarista de Salvador. A escolha desse instrumento de coleta de dados consagrado nesse campo permitiu o estabelecimento de um diálogo com alguns estudos existentes. Outro instrumento utilizado, para se ter uma maior compreensão dos fatos, foram às entrevistas em profundidade com representantes das entidades estudantis e outros atores sociais que tinham uma posição diferente desta, criando assim um diálogo esclarecedor, no sentido de perceber o papel que cada um desses agentes teve dentro do movimento contra a carestia da tarifa dos ônibus coletivo de Salvador.

## OS NOVOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Os NMS enfatizam a cultura, a ideologia, as lutas sociais cotidianas, a solidariedade entre as pessoas de um grupo ou movimento social e o processo de identidade criado no seu esquema interpretativo. Essa teoria é criada nos anos 60 na Europa, a partir da inadequação do paradigma

tradicional marxista para a análise dos movimentos sociais. Porém essa teoria é ambígua, pois, enquanto alguns partem de premissas totalmente distintas do marxismo (como Melucci), outros fazem uma ruptura na forma de abordagem, mas trabalham com as macroestruturas sociais (caso Touraine), outros, ainda, questionam a validade da atualização de alguns prognósticos feitos por Marx, levantando a sua necessidade de atualização, sem negar, no entanto, a validade de suas categorias básicas.

As teorias dos NMS apresentam características básicas, que são: a organização e a proliferação dos NMS estão relacionados com a crise dos canais convencionais de participação nas democracias ocidentais; os NMS organizam-se de forma difusa, segmentada e descentralizada, ao contrário dos partidos políticos de massa tradicional, centralizados e burocratizados; o uso de táticas radicais de mobilização de ruptura e resistência que diferem fundamentalmente da utilizada pela classe trabalhadora, como a não violência, a desobediência civil etc; a relação entre o indivíduo e o coletivo é obscurecida. Como se vê, todas essas características são encontradas no movimento de rua dos estudantes pela carestia dos ônibus de Salvador, tornando claro que as ações estudantis podem de certa forma ser interpretadas dentro da perspectiva teórica dos NMS.

Os NMS surgem como uma alternativa emancipatória para a crise do capitalismo organizado, que possui também uma dimensão cultural. Essa crise, segundo o sociólogo Boaventura de Souza, é, em parte, a revolta da subjetividade contra a cidadania, da subjetividade pessoal e solidária contra a cidadania atomizante e estatizante. Para ele “*a novidade maior dos NMS reside em constituir uma crítica da regulação social socialista tal como foi defendido pelo marxismo*” (1995, p.258). Assim os NMS identificam novas formas de opressão que extravasam as relações de produção, criando assim um novo paradigma social que se enfoca mais na cultura e na qualidade de vida, tendo como objetivo denunciar os excessos de regulação da modernidade, que atingem não uma classe social, mas grupos sociais transclassistas ou mesmo a sociedade como um todo. Isso nos chama a atenção para o caráter regulador dos NMS, o que faz com que eles recebam algumas críticas pelos que defendem a perspectiva que os movimentos sociais devem seguir uma lógica mais global e não um nível específico de atuação.

Uma outra observação feita por Boaventura é o caráter “imediatista” que os NMS possuem. Para ele “*(...) a emancipação por que se luta visa transformar o cotidiano das vítimas da opressão aqui e agora e não num futuro longínquo. A emancipação começa hoje ou não começa nunca.*” (1995, p.258). Esse é um traço do novo estatuto político observado numa pesquisa sobre cultura política dos jovens brasileiros, no qual as relações se dão de modo direto e imediato e que os jovens se interessam mais pelo que está ao alcance da vista ao seu redor. Para Melucci, os movimentos surgem apenas para fins específicos e depois fluem numa rede submersa de relações, tornando a militância parcial e de curta duração. Sobre esse aspecto ele diz: “*Este não é um fenômeno temporário, mas uma alteração morfológica na estrutura da ação coletiva*” (1998, p. 61). Nesse sentido na RB, percebeu-se a atuação de pessoas que nunca participaram de um movimento, ou faziam parte de outros grupos sociais que não necessariamente se relacionavam com a militância política convencional, entretanto eles se aglomeraram em torno de um conflito específico (no caso a redução da tarifa) e depois voltaram a atuar em outras redes, é o exemplo dos meninos do hip-hop, do movimento negro, dos anarquistas, etc.

Essas redes, as quais Melucci descreve, são para ele um canal de relações “informais” que conecta núcleo de indivíduos e grupos a uma área de participação mais ampla. As redes, embora compostas por pequenos grupos separados, é um sistema de troca (pessoas, informações, etc.) que permite o envolvimento pessoal e a solidariedade efetiva em muitos grupos. Ou seja, esse modelo de organização dos NMS, segundo Melucci, permite que as pessoas experimentem

novos modelos culturais, permitindo associações múltiplas, que criam novos códigos culturais e fazem com que os indivíduos os pratiquem.

Dessa forma, pode-se fazer renovações dentro de um movimento social, por trazer atores com outras perspectivas para dentro de cada mobilização. É o que percebe Heller no seu livro *A condição política pós-moderna*, no qual ela diz que:

As pessoas que escolhem ação política como vocação, incluindo os chamados revolucionários profissionais, tendem a pressupor as normas e regras predominantes da esfera política e outras podem estimular um certo potencial crítico. Sem impor normas estranhas à esfera política, ainda podem contestar o caráter pressuposto de uma outra regra política, em particular a justiça, a viabilidade e a racionalidade de certas instituições. Quanto mais múltiplas as necessidades dos atores políticos, maior é a probabilidade de que normas e regras justas possam substituir as existentes. (1998, p. 17).

## A SOLIDARIEDADE DO SETOR MÉDIO SECUNDARISTA

Na RB uma das características que se pode observar foi a presença de grêmios e estudantes de escolas particulares nas manifestações. Nas entrevistas quantitativas feitas aos grêmios de escolas particulares, 57% deles participaram das manifestações e 85,7% achavam justas as reivindicações dos estudantes. Ora, se esses estudantes que, em sua maioria pertencem a um setor mais elevado da estratificação social, portanto não dependeriam diretamente do transporte público, ou pelo menos, o aumento da tarifa dos ônibus coletivos não afetaria tanto no peso do orçamento de suas famílias, por que então esses estudantes do setor médio secundarista tiveram uma participação proporcionalmente tão ativa na revolta do Buzu?

A resposta pode ser encontrada na idéia de solidariedade das ações coletivas dos novos movimentos sociais. Para Melucci, a idéia de solidariedade está relacionada com a capacidade de os atores partilharem de uma mesma identidade coletiva, isto é, “*a capacidade de reconhecer e ser reconhecido como uma parte da mesma unidade social*” (1989, p.57). É importante observar que o conceito de solidariedade se afasta do seu sentido clássico marxista, que considera solidariedade como uma expressão de interesses partilhados dentro de uma situação estrutural comum, ou seja, sua condição de classe e passa a ser um conceito relacionado à idéia de identidade e cultura. Podemos perceber que essas mudanças fazem parte de uma das características pós-modernas na qual o deslocamento dos conflitos das áreas tradicionais vem afetando a formação da sociabilidade e da identidade, criando um novo ideal de solidariedade, conforme podemos verificar no artigo da professora Maria Victória Gonzalez sobre os estudantes universitários, onde ela afirma que “*O aumento da integração, a interatividade, a destradicionalização, perda da temporalidade, características modernas vem provocando alterações na atribuição de significados e abrindo novos campos para a reconstrução de solidariedade*” (2001, p.93).

Agner Heller, ao caracterizar a condição política pós-moderna, atribui ao movimento estudantil um papel transformador, por se tratar de um movimento emancipatório que transcende o “bairrismo” dos interesses de classe ou coisas assim.

Os estudantes como grupo social separados legitimaram seus próprios interesses de grupo, como estudantes no presente e como novo contingente dos administradores do conhecimento organizado, a INTELLIGENTSIA, no futuro. Na medida em que defendem tais interesses e dissecam criticamente a anatomia da academia e coisas assim, não cumprem funções messiânicas e filosóficas,



mas exercem atividades políticas independentes de seus méritos. (HELLER, 1998, p.21).

Dessa forma, como já foi dito no início desse estudo, o movimento estudantil legitimou a criação de um novo sujeito social de base transclassista que solidificou a implantação de uma nova forma de solidariedade, independente dos interesses de classe, que se baseiam em construções culturais e identidade.

## CRISE DOS CANAIS CONVENCIONAIS DE REPRESENTAÇÃO

Durante as manifestações pela redução da tarifa, um episódio ficou marcado por exemplificar bem o sentimento daqueles estudantes. Durante as negociações com a prefeitura, os representantes das entidades fizeram um acordo em que algumas reivindicações, que, há muito tempo, o movimento estudantil almeja, foram aceitas, a exceção foi justamente à redução da tarifa. Após o fim dessa reunião, um representante de uma das entidades que participaram das negociações, declarou à imprensa o fim das manifestações e convocou todos os estudantes a voltarem às salas de aula. A maioria dos estudantes, não concordando com o pleito conquistado, continuou as manifestações.

Para os estudantes que participaram das mobilizações, as reivindicações por eles exigidas, tornaram-se uma questão de justiça e não apenas uma conquista política; os estudantes que participaram daquele movimento lutavam “*contra a discriminação de acesso aos bens da modernidade*”, portanto não iam abrir mão daquele espaço de visibilidade conquistado em prol de alguns privilégios barganhados, assim como mostra o professor Gey Espinheira no seu artigo:

(...) também alguns estudantes, dentre eles alguns que se achavam ‘líderes’, solicitavam o retorno às aulas, pois ‘as conquistas tinham sido grandes!!’, os estudantes continuavam nas ruas impedindo o deslocamento do ônibus (...). Era óbvio para qualquer bom entendedor que a questão era o aumento preço do transporte e não apenas uma questão de ‘privilégio’ da meia passagem em fins de semana e nas férias, portanto, uma questão moral. (ATARDE, 25/10/2003).

Nas entrevistas qualificadas com os representantes de algumas entidades, pelas observações assistemáticas da autora e em leituras de jornais do referido período, podemos perceber que existe, no discurso das entidades, uma conotação política muito clara em relação às pautas conquistadas, pois estas se direcionavam em torno da legitimação do movimento estudantil produzido por elas. Para as entidades, o pleito conquistado significava uma vitória do movimento estudantil, por saberem que essas reivindicações faziam parte da luta político-estudantil há bastante tempo. Assim, como declara o então vice-presidente regional da UBES (União Brasileira de Estudantes Secundaristas), Marcelo Britto, numa entrevista a um jornal da época:

Eu penso que as conquistas garantidas pelo smart card, sem dúvida, são uma das maiores obtidas nos último 15 anos pelo movimento estudantil aqui em Salvador. Há 15 anos que nós estamos na luta pela ampliação dos direitos de meia passagem aqui. Eu me orgulho de ter feito parte da geração que conseguiu garantir essa vitória para os estudantes. (BRITTO, A tarde, 07/09/2003).

As conquistas feitas durante as mobilizações, que são orgulho para as entidades, não foram suficientes para satisfazer a maioria dos estudantes, mostrando, portanto, a crise existente

entre representantes e representados. Esse traço do comportamento dos estudantes reforça a tese em circulação de enfraquecimento das idéias de delegação e representação, pois a cultura política dos jovens, hoje, está relacionada a aspectos mais horizontalizados, sem mediações ou hierarquias “(...) *as relações preferidas pelos jovens são as que se dão de modo direto e imediato, sem mediações de alguma coisa ou objeto como obra de cultura, eventual pretexto para a troca simbólica, e sem medições de um agente, como no quadro político-institucional tradicional*” (Ibid., p. 160). Sendo assim, essas características apontam para a afirmação do discurso espontaneísta RB, tendo em vista que essas características são referentes a uma demanda global entre os jovens, como se pode perceber em pesquisas recentes<sup>3</sup> que indicam o declínio dos prestígios das instituições em geral, incluindo as políticas.

Bourdieu faz uma leitura interessante sobre essa crise de representação que, para ele, acaba se caracterizando como um caráter “apolítico” da sociedade. Ele confere ao monopólio dos políticos, que acabam distanciando os cidadãos por conta da política tradicional, que se reflete na crise das instituições como forma de representação.

Nada a não ser esta forma de obtenção activa, a qual tem raízes na revolta contra uma dupla impotência, impotência perante a política e todas as acções puramente sérias que ela se propõe, impotência perante os aparelhos políticos: o apolitismo, que assume por vezes a forma de um anti parlamentarismo e que pode ser desviado para todas as formas de bonapartismo e bourlangismo ou de gaulismo, é fundamentalmente uma contestação do monopólio dos políticos que representa o equivalente político daquilo que foi, em outros tempos, a revolta religiosa contra o monopólio dos clérigos. (BOURDIEU, 1998, p. 169)

A concepção do conceito do que é política é baseada na interpretação de Heller sobre as acções. Para ela “*as acções podem ser chamadas de políticas se as pessoas agem na condição de cidadãos, e se falam, ou incidentalmente mobilizam a outras na condição de cidadãos*”, desde que esteja preenchida uma condição anterior que é a presença de “virtudes” cívicas (1998, p.117). Dessa forma, ao contrário de Bourdieu, isso não significa um caráter apolítico dos movimentos sociais e sim uma nova forma de se pensar política que se desloca das formas tradicionais de atuação, assim como dos canais convencionais de representação,

A idéia do político, da coisa política, não está morta entre os jovens, talvez se mostre apenas sobre outra forma – na verdade, uma forma entre eles recorrentes. Estaria em declínio a política entendida tradicionalmente e, em ascensão um MODO URBANO da política: a política enquanto relação de convivência na cidade (apesar da violência), a política enquanto ESTAR JUNTO, enquanto socialidade. (Coelho, 1996, p.159).

Nesse sentido, percebemos, nas acções dos estudantes pela redução da tarifa dos ônibus de 2003, um caráter anti-partidarista, que renega a idéia tradicional de lideranças, “(...) *não há lugar nessa estrutura para os velhos líderes oligárquicos, que se destacavam por sua oratória, seu carisma e poder sobre os liderados*”, por conta desse novo perfil de organização pautado no espontaneísmo e na descentralidade. Dessa forma, a RB surge como um exemplo empírico de uma geração em que “*os jovens são menos interesseiros em causa própria, são idealista e pensam na sociedade e que ‘um outro mundo é possível’, por isso mesmo eles rejeitam a*

---

<sup>3</sup> O artigo de Teixeira Coelho refere-se a uma pesquisa feita entre os jovens universitários de São Paulo, que apontam para uma cultura política entre os jovens na qual está inserida a idéia da decadência das instituições tradicionais.

*intromissão daqueles que querem conduzir os movimentos, sejam estudantes profissionais ou outros agentes”* (ESPINHEIRA, Gey. A Tarde, 25/10/2003).

Com isso, não estamos defendendo a deslegitimação do papel das instituições estudantis, principalmente instituições como a UNE, que possui uma longa história significativa para o movimento estudantil, mas queremos demonstrar que um novo tipo de movimento surgiu durante as mobilizações que se afastam da forma tradicional seguida por essas entidades. Se essa conduta permanecer só o tempo nos dirá, mas se pode perceber que ela corresponde a uma demanda da sociedade pós-moderna que vem negando sistematicamente a representação formal.

## CONCLUSÃO

Procuramos demonstrar nesse trabalho as ações dos estudantes pela redução da tarifa dos ônibus coletivos de 2003, com base nos nossos estudos sobre os Novos Movimentos Sociais, que é uma teoria que busca mudanças e alargamentos das fronteiras entre os espaços públicos/privados e a vida social e envolve lutas contra as velhas e as novas formas de dominação nessas áreas. Tentamos perceber as ações desses estudantes que levaram esse movimento a ter um caráter espontaneísta e descentralizado.

Sob essa ótica, concluímos que as ações desses estudantes caminham para uma área onde se percebe uma crise existente dos canais convencionais de representação, assim como, conseqüentemente, das instituições que vivem desse modelo. Revelaram-se, durante as mobilizações dos ônibus, uma seqüência de fatores que colaboraram para a conclusão dessas afirmativas, tais como: a negação da entrada de partidos e órgãos estudantis nas assembleias feitas por estudantes ou a proibição de levantar bandeiras dessas entidades durante as manifestações. Dessa forma se percebe que os estudantes parecem partilhar de uma nova realidade, na qual todos desejam ter o seu espaço, direcionando-se para ações mais horizontalizadas, que negam a forma tradicional burocratizante e hierarquizada das estruturas vigentes.

Outro fator que contribuiu para o nosso estudo, no sentido de esclarecer as novas formas de ações existentes, foi o princípio da solidariedade, que é visto como núcleo de articulação central entre diferentes atores envolvidos. Nas manifestações, percebeu-se um alto grau de envolvimento entre os estudantes das classes médias de escolas particulares, o que nos leva a crer que esses estudantes foram tocados pelo princípio da solidariedade, que cria uma identidade de grupo, ou seja, a solidariedade é o princípio que costura as diferenças, fazendo com que a representação simbólica construída e projetada para o outro – não-movimento – seja coerente. Dessa forma, ela abarca atores sociais distintos que se aglutinam em torno de uma mesma causa, criando uma mesma identidade coletiva. Essas diferenças são menos acentuadas entre os atores por fazerem parte de um movimento social de base transclassista assim como é descrito por Boaventura na análise descrita neste estudo.

Sob essa perspectiva, de solidariedade, percebem-se também as redes submersas envolvidas nesse movimento, entendendo como rede grupos sociais que militam em outras áreas da vida social cotidiana, que se mobilizam em torno de uma determinada causa. A nosso ver, esse é um fator extremamente positivo para um movimento social como esse, por trazer, assim como é descrito por Heller, uma visão mais crítica para aquele movimento, contribuindo dessa forma para mudança dos códigos tradicionais ultrapassados. Assim verificamos na RB uma tentativa de mudança por parte dos estudantes da estrutura organizacional do movimento estudantil mantida pelas entidades, que, por não perceberem esse espírito de mudança, acabaram entrando em conflito com esses estudantes, criando, dessa forma, uma luta paralela à luta principal, que era a redução da tarifa.



## REFERÊNCIAS

- ALBERGARIA, Roberto. A passeata da moçada pós-petista. **A Tarde**, Salvador, 3 set. 2003. p. 2.
- BIGNOTTO, Newton. **Pensar república**. Belo Horizonte, ed. UFMG, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. 2 ed, Rio de Janeiro: Beltrand Brasil, 1998.
- BRITTO, Marcelo. “Líderes não. Porta-vozes sim”. **A Tarde**, Salvador, 7 set 2003. Local. P.7 (entrevista).
- CARVALHO NETO, Joviniano. Mobilização estudantil e transporte público: a ocupação das ruas. **Caderno do CEAS**, Salvador, n.208, p. 11-42, nov/dez. 2003.
- COELHO, Teixeira. Cultura e cultura política dos jovens. **Revista USP**, São Paulo, v.32, p. 156- 164, Dez/ Fev, 1996- 1997.
- ESPINHEIRA, Gey. A economia moral do povo. **A Tarde**, Salvador, 25 out. 2003. caderno cultural, p.7.
- GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais: Paradigmas clássicos e contemporâneos**. 3 ed. São Paulo: Loyola, 1997, 383 p.
- GONZALEZ, Maria Victória. Estudantes universitários: Entre as novas e velhas formas de participação. **ÁGERE: Revista de educação e cultura**. Salvador, v.2, n.3, p.91-103, Jun./ Jul. 2001.
- HELLER, Agner; FEHÉR, Ferenc. **A condição política pós-moderna**. Rio de Janeiro: Civilização, 1998.
- MELUCCI, Alberto. Um objetivo para os movimentos sociais?. **Lua Nova Revista de Cultura e Política**, São Paulo, n.17, p.49-64, Jun.1986.
- SANTOS, Boaventura. **Pela mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 1995.